

JESUS E A LEI (NÓMOS)

Pr. Albino Marks

Ellen G. White fez uma declaração muito significativa sobre a vida pré-determinada de Jesus: *“Cristo, na Sua vida sobre a terra, não fez planos para Si mesmo. Aceitou os planos de Deus a Seu respeito, e dia após dia lhos fazia conhecer”* (CBV, p. 428).

Jesus falando da missão de Sua vida pré-determinada, declarou: *“não pensem que vim revogar a Lei (nómon) ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”* (Mt 5:17, NAA).

Desde o Seu nascimento até a Sua morte e ascensão, a vida de Jesus seguiu o caminho predito pelos profetas e tipificado pelos serviços do santuário.

Ele nasceu como predito, fruto de uma concepção virginal: *“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel, que significa ‘Deus conosco’”* (Mt 1 22, NVI).

Foi apresentado ao Senhor como o primogênito e circuncidado seguindo a determinação da lei das cerimônias: *“Completando-se os oito dias para a circuncisão do menino. [...] de acordo com a Lei (nómon) de Moisés, José e Maria o levaram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor (como está escrito na Lei (nómu) do Senhor: ‘Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor’.) [...] Depois de terem feito tudo o que era exigido pela lei (nómon) do Senhor, voltaram para a sua própria cidade”* (Lc 2:21-23 e 39, NVI).

O evangelista Lucas usa a palavra “nómon”, para dizer que segundo determinava esta lei, Jesus foi circuncidado. A circuncisão era um rito ordenado e orientado pela lei cerimonial. Portanto, no oitavo dia de Sua vida, Jesus cumpriu a ordenança desta lei cerimonial.

O batismo de Jesus ou a Sua unção para o cumprimento da Sua missão como o Salvador, foi predito pelo profeta Daniel para o final do período das setenta semanas. João Batista questionou Jesus, mas Ele respondeu: *“Convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça”* (Mt 4:15, NVI). Cumprir tudo o que a Seu respeito estava escrito.

No serviço típico do santuário, o pecador, para obter o perdão e ser declarado justo, recorria ao sacrifício de inocente animal acompanhado dos ritos cerimoniais. Todo este ritual era executado com inteira fé na graça de Deus. O animal que morria em favor do pecador, tipificava Cristo. O perdão era obtido não pela fé no animal, mas pela fé em Quem ele tipificava. Todo o processo fundamentava-se na graça tipificada, apontando para o verdadeiro e real sacrifício da graça – Jesus. Cumprido o ritual, o suplicante retornava para casa, jubiloso, sentindo-se reconciliado com Deus, o Pai, de quem se separara pela transgressão da lei moral.

O que aconteceu com o serviço espiritual israelita é que as lideranças encontraram nele uma lucrativa fonte monetária. Buscando a riqueza material, desvirtuaram o sistema e perderam de vista as riquezas espirituais, desprezando a Pérola de grande preço. O perdão e a justificação eram oferecidos mediante os sacrifícios de animais, sem a fé no verdadeiro centro – Cristo, o Cordeiro de Deus.

Este fato está muito evidente nas duas vezes em que Jesus expulsou os mercadores espirituais do templo. A primeira, no início do Seu ministério e a segunda, nos últimos dias. O ato de Jesus estava ligado aos animais típicos, vendidos por preços extorsivos, com o ensino de que por meio desses sacrifícios obtinham o perdão e a justificação de seus pecados contra a lei moral. Obliteravam, no entanto, o profundo significado típico desses animais, não ensinando a fé no verdadeiro sacrifício pelos pecados na morte expiatória de Cristo. Consequentemente, quando Jesus veio, não foi reconhecido como o Cordeiro de Deus.

A visão espiritual do escolhido povo de Deus, estava completamente obscurecida, e não percebia e nem compreendia as grandes verdades ensinadas pelo cerimonialismo. O formalismo religioso vedara-lhe os olhos da fé. *“Veio para o que era Seu, e os seus não O receberam”* (Jo 1:11, NAA). Não houvera isso acontecido e a vinda do Messias teria sido recebida e aclamada na mais indescritível explosão de alegria.

A purificação do templo aconteceu em cumprimento da profecia de Isaías e representou a condenação da salvação por meio de rituais sem Cristo e a proclamação da salvação pela fé na graça de Cristo: *“E os ensinava, dizendo: ‘Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?’ Mas vocês fizeram dela um covil de ladrões”* (Mc 11:17, NVI).

O clímax do cumprimento da lei ‘nómos’ e dos profetas. O grande conflito cósmico espiritual estava chegando ao seu clímax. A batalha decisiva estava para ser travada. Nestas cenas finais da vida de Jesus em Sua missão como Salvador, uma ideia é impressionante: somente Ele sabia o que tudo aquilo significava.

Outra ideia é igualmente impressionante: multidões se aglomerando em torno dEle e, aclamando-O como o rei de Jerusalém, desconhecendo que ali em sua presença estava o Rei do Universo. Multidões oprimidas pela tirania humana, aclamando a grande esperança de sua libertação, quando apenas um, o centro de todas as aclamações, sabia que a batalha que O aguardava e para a qual viera ao mundo era a batalha decisiva do conflito cósmico espiritual. O Príncipe do Céu e o príncipe deste mundo estavam se preparando para este momento dramático e nenhum ser humano conseguiu tomar consciência sobre este fato.

No entanto, Jesus mesmo falara várias vezes para os discípulos de Sua verdadeira missão: *“Mas tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize”* (Lc 12:50, NVI).

Também advertiu as lideranças espirituais e as multidões pelo total desconhecimento da luz profética: *“Hipócritas! Vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como não sabem interpretar o tempo presente?”* (Lc 12:56, NVI).

Pouco antes de sair do cenáculo para o Getsêmani, onde iniciaria a batalha decisiva do grande conflito cósmico espiritual, mais uma vez advertiu os discípulos sobre o cumprimento dos acontecimentos em Sua missão: *“Está escrito: ‘E ele foi contado com os transgressores’, e eu lhes digo que isso precisa cumprir-se em mim. Sim, o que está escrito a meu respeito está para se cumprir”* (Lc 22:37, NVI).

O conflito cósmico entre Cristo e Satanás, é o conflito de conceitos certos contra errados; verdade contra engano; equidade

contra iniquidade; harmonia com Deus contra desarmonia com Deus. Portanto, o conflito é travado por confrontação de ideias, na mente.

A partir do Getsêmani, Jesus enfrentou sozinho as batalhas decisivas deste conflito como predito pelos profetas: *“Eu pisei sozinho no lagar, e ninguém do meu povo estava comigo”* (Is 63:3, PIBR).

Sentindo a cruel dramaticidade do conflito, pediu para os discípulos: *“Fiquem aqui e vigiem comigo”* (Mt 26:38, NVI). Porém, os discípulos dormiram e Ele ficou sozinho nesta luta mental espiritual. *“De novo sentira Ele o anseio da companhia, de algumas palavras dos discípulos, que trouxessem alívio e quebrassem o encanto das trevas que quase O venciam. [...] Sua angústia mental, não a podiam compreender. ‘O Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o dos outros filhos dos homens’. [...] Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara – aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado”* (DTN, p. 690).

Podia recusar beber o cálice, porém, a sentença de condenação eterna cairia sobre o homem culpado; a missão e o propósito de Sua vinda seriam proclamados vencidos e falidos pelas hostes do reino das trevas; Satanás seria justificado em Sua afrontosa acusação contra Deus, e o pecado e o mal seriam perpetuados. Somente o cumprimento pleno da missão tipificada na lei do santuário e predita pelos profetas satisfaria a justiça de Deus para salvar o homem pecador.

Esta a razão porque o conflito se tornou tão terrível, medonho para Cristo, arrancando de Seus lábios a súplica: *“Meu Pai se for possível, afasta de mim, este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”* (Mt 26:39, NVI).

Para cumprir a missão e o propósito da Sua vinda, tudo o que a lei, *“torah, nómos”*, e os profetas determinaram não podia ser revogado, mas teria de ser cumprido. O cálice do Calvário não pôde ser afastado, porque estava tipificado na lei do cordeiro substituto do santuário e predito pelos profetas.

“O Getsêmani representa dois fatos fundamentais: primeiro, uma tentativa violenta de Satanás de desviar Jesus de Sua missão e propósito; e, em segundo lugar, o mais nobre exemplo de confiança na força de Deus para que a Sua vontade e propósito fossem realizados. [...] Todas as hostes de Satanás estavam arregimentadas contra Jesus” (Lição da Escola Sabatina, Abril-Junho, 2015, Professor, p. 160).

Entre os homens, o Filho do Homem era o único observando e compreendendo toda a movimentação de seres humanos visíveis, de poderosos anjos celestiais e furiosas hostes das trevas, invisíveis se concentrando no campo de batalha para a luta espiritual sem precedentes. Todo o cenário de guerra estava montado em Jerusalém. *“Eu pisei sozinho no lagar, e ninguém do meu povo estava comigo”* (Is 63:3, PIBR).

Pela inspiração é comunicada a ideia de que nem mesmo os anjos entendiam os comoventes momentos que precisavam acontecer para cumprir a lei e os profetas: *“Não havia alegria no Céu. Os anjos lançaram de si as suas coroas e harpas, e com o mais*

profundo interesse observavam silenciosamente a Jesus. Desejavam cercar o Filho de Deus, mas o anjo comandante não lhes permitiu, para que não acontecesse, ao contemplarem eles Sua traição, que O livrassem; pois o plano tinha sido formulado e deveria cumprir-se” (HR, p. 210).

Quando Pedro sacou a sua espada e golpeou o servo do sumo sacerdote, Jesus ordenou que guardasse a espada, declarando: *“Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?” (Mt 26:53, NVI).*

Comentando este acontecimento da hora de Sua prisão, Ellen G. White declarou: *“Vi que, ao serem faladas estas palavras, os rostos dos anjos se animaram com esperança. Desejavam naquele momento, ali mesmo, rodear seu Comandante e dispersar a turba irrosa. Mas, de novo a tristeza caiu sobre eles, quando Jesus acrescentou: ‘Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?’ S. Mateus 26:53 e 54” (HR, p. 211).*

No momento de Sua prisão declarou: *“Todos os dias eu estive com vocês, ensinando no templo, e vocês não me prenderam. Mas as Escrituras precisam ser cumpridas” (Mc 14:49, NVI).*

Os profetas ao longo dos séculos predisseram todos estes dramáticos acontecimentos. Porém, *“quem creu em nossa mensagem?” (Is 53:1, NVI).*

Isaías fez uma descrição fascinante desta batalha espiritual: *“Quem é, pois, este que vem de Edom, de Bosrá, com carmesim em suas vestes, inflando o peito sob a sua veste, arcado pela intensidade da sua força? Sou eu, que falo de justiça, que instauro*

processo para salvar. [...] Em meu coração, era dia de vingança, chegara o ano de executar a minha redenção. Eu olhei: nenhuma ajuda! Fiquei desolado: nenhum apoio. Então o meu braço me salvou e o meu furor foi o meu apoio. Esmaguei os povos, na minha cólera, Eu os embriaguei, no meu furor: o prestígio deles, fiz cair por terra” (Is 63:1-6, TEB).

As vestes do grande combatente, o “*Descendente da mulher*”, o Filho do Homem, e o “*Príncipe do Céu*”, o Filho de Deus, foram tintas de vermelho, porque o Seu sangue foi derramado, “*porque aquilo que a Lei ‘nómu’ (das cerimônias) fora incapaz de fazer, [...] Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei ‘nómu’ (lei moral) fossem plenamente satisfeitas em nós*” (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem. Cumprindo a justiça exigida, por meio da Sua justiça instaurou o processo para resgatar e salvar pecadores. Naquela memorável batalha, sozinho, contra todas as hostes das trevas, iniciada no horto do Getsêmani, continuando nos julgamentos injustos e mentirosos dos tribunais presididos por humanos e culminando com o Gólgota sangrento, a justiça exigida pela lei moral, foi satisfeita, o plano da Redenção executado e a vingança contra o autor da rebelião do pecado foi proclamada em triunfante aclamação pelo Universo: “*Como caíste do céu, ó estrela da alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações!*” (Is 14:12, BJ).

No entanto neste momento decisivo da batalha, “*todos o abandonaram e fugiram*” (Mc 14:50, NVI).

Quando se sentiu só, sem ajuda e sem apoio, então o Seu amor pelo pecador e o ódio contra o pecado, agigantaram a Sua

determinação de restaurar o domínio corrompido pela injustiça da temporalidade do pecado, e esmagar a cabeça da serpente, Satanás, condenando-o e destinando-o à destruição eterna.

No momento mais crucial desta luta, ficou sozinho, contra todas as hostes demoníacas, para cumprir o que estava predito pelo salmista Davi, “*Jesus bradou em alta voz: ‘Meu Deus! Meu Deus! Por que Me abandonaste?’*”! (Mt 27:46, Sl 22:1, NVI).

Ele veio para cumprir tudo o que a lei “nómos” e os profetas determinaram e disseram, e sabia disso. No momento aprazado pediu para os discípulos trazer um jumentinho, para que se cumprisse o que estava predito: fosse aclamado com grande alegria e depois sozinho pisasse o campo de batalha (Zc 9;9 e Lc 19:30-38).